

O pai: da maldição à humilhação¹

Eliecim Fidelis²

Desde a Teogonia, de Hesíodo, depois Metamorfoses, de Ovídio, a mitologia grega mostra que os conflitos envolvendo pais tiranos e filhos rebeldes estão presentes desde a origem, inclusive com cenas mirabolantes que nem chegam aos pés de *Totem e tabu*. Por exemplo, os deuses conhecidos como os poderosos titãs, gerados de Gaia (Terra) e Urano (Céu), nascem e vivem em meio a invejas, traições, vinganças, incestos, parricídios e filicídios. E tudo já começa no começo de tudo: o próprio Urano foi traído, por inveja, pelo filho mais novo, no seio da família primeva. Cronos matou o pai usando a harpa fornecida pela própria mãe, Gaia. E não se satisfazendo com o parricídio, castrou Urano e jogou os testículos nas águas afrodisíacas do oceano, de cujas espumas emerge a deusa Vênus.

Nessa sequência catastrófica, merece destaque a capa do seminário de Lacan, *A relação de objeto* (1956-57), em que é retratada uma pintura de Goya mostrando Cronos (Saturno), agora devorando os filhos, tentando evitar sofrer idêntico destino trágico. Não o consegue, porém. Não consegue porque a boca de jacaré da mãe, Reia, alcançou o preferido Zeus, que foi por ela poupado até quando cresceu e teve condições de matar o pai, tomar-lhe o trono e resgatar os irmãos devorados.

Muitos anos depois, e dizendo algo mais próximo ao que nos diz respeito, é também a mitologia grega, que nos fala da maldição edípica familiar, para mostrar que ela decorre de uma herança geracional inserida na dinastia dos labdácidas. Essa dinastia recebeu seu nome em referência ao rei Lábdaco, que nasceu de Polidoro, que nasceu de Cadmo. Lábdaco, por sua vez, que foi o terceiro rei de Tebas, é o pai de Laio. Vemos, assim, que essa dinastia nasceu de uma ascendência conturbada, protagonizada pelo fundador de Tebas, e que teve continuidade a jusante em Laio e Édipo, respingando em Antígona, Eteocles, Ismênia, Polinice e descendentes.

E como isso teria ocorrido?

Conta-se que Lábdaco, por se envolver em polêmicas com o poderoso Dioniso, foi esartejado pelas Bacantes, as ninfas doidivas adoradoras do culto dionisíaco. Após a morte do pai, Lábdaco, e a tomada do trono de Tebas pelos protegidos de Zeus, Anfião e Zeto, Laio foi levado ainda garoto Frígia onde foi criado por Pélope, rei do Peloponeso. Tempos depois, Laio acabou se envolvendo em um caso amoroso com Crisipo, que era filho legítimo do rei. Ainda que tolerada a homossexualidade entre jovens, na Grécia antiga, essa condição precisava ser resolvida na idade adulta, mesmo porque, nesse caso, Crisipo seria o sucessor do pai. Então, Laio bolou um plano: sequestrou Crisipo e apoderou-se do trono de Tebas. Conhecendo a trama **dos dois**, o rei Pélope tentou libertar o filho das artimanhas conquistadoras de Laio, mas, diante da insistência, ele o amaldiçoou sentenciando: “Teu filho te matará e casará com a mãe, e toda a tua descendência será desgraçada”. Depois que essa história chegou aos ouvidos de Zeus, este, como castigo, resolveu enviar a Esfinge para um local estratégico dos arredores de Tebas. O monstro com corpo de leão, asas de pássaro e rosto de mulher tinha a incumbência de submeter os transeuntes a enigmas indecifráveis, com a condição de serem devorados os que não soubessem a resposta. O resto já sabemos demais.

Por outro lado, no seminário *A transferência* (1960-1961), Lacan vai trazer a trilogia de Claudel, a tragédia contemporânea onde o pai aparece numa situação desacreditada e até mesmo humilhante como sugere um dos títulos. (Cf. Lacan, 1992, p. 277). O termo ‘pai humilhado’ está na

¹ Este trabalho retrata parte de pesquisa realizada sobre o tema anual da instituição (O pai, de Freud a Lacan); um texto portanto inconcluso, uma vez que o dispositivo da Jornadinha acolhe a possibilidade de discussão de temas em desenvolvimento. Apresentado na Jornadinha de Psicanálise do Espaço Moebius realizada em Salvador-BA, no dia 5 de novembro de 2022.

² Eliecim Fidelis é psicanalista e escritor, membro do Espaço Moebius Psicanálise.

última peça intitulada *O refém*, *O pão duro* e *O pai humilhado*, mas em todas elas Lacan vai encontrar elementos para analisar o desejo e o declínio da função paterna.

A primeira peça da trilogia, *O refém*, é analisada neste seminário sob um título que não poderia deixar de se mostrar mais criativo. E Lacan nos adverte: "... prestem atenção, não quanto ao conteúdo, mas (...) à função que dei à letra...". (Ibidem, p. 267). Assim, o título *O não de Sygne* vai lhe permitir, em francês, fazer vários jogos de palavras utilizando a homofonia de Sygne, signo, non, não e nom, nome, indicando que a negativa de Sygne implica o signo, a letra e o nome, mas também a posição da dama Sygne de Coufontaine, situada entre a denegação e a covardia moral, ao ceder de seu desejo depois de negar o nome da família ao Barão Turelure, o mesmo malvado, odioso e cínico que havia causado o fracasso dessa família.

Pelos comentários de Lacan o refém é uma alusão direta ao papa Pio VII, que foi sequestrado por Georges, irmão de Sygne, e deixado sob a guarda desta para ser usado como objeto de chantagem. Essa condição de refém é tomada por Lacan para comentar sobre autoridade do pai, aqui apresentado pela fragilidade da fé na figura do papa, e também a constatação das artimanhas do desejo do sujeito Sygne, que em face das tramoias do poder acaba cedendo e dando um **sim** ao pedido de casamento do Barão Turelure. Esse **sim**, porém, em sua face denegativa, retorna-lhe em forma sintomática, através de um tique nervoso que a leva a balançar a cabeça lenta e repetitivamente na direção horizontal. Assim, ao ceder quanto ao seu desejo, Sygne paga com a alma pela covardia de um casamento conveniente.

Na segunda peça, Louis d’Coufontaine recorre ao pai, o Conde Turelure, para lhe pedir um financiamento para pagar uma dívida contraída junto à noiva, a polonesa Lumir, que se via pressionada a quitá-la com urgência. Além de não atender o pedido do filho, o pai - pão duro - passou a conquistar a noiva deste. Isso gerou uma trama triangular entre o filho, a noiva e a mãe, levando Louis a procurar o pai para tentar convencê-lo. Diante da resistência, o filho ameaçou o pai, chegou a puxar as armas, uma delas com bala de festim. Mas, acometido de dúvidas hamtelianas, Louis viu-se impossibilitado de atirar, tornando-se frustrada a tentativa de parricídio. Mesmo assim, o pai, Turelure, ao ver o filho de arma em punho não resiste ao susto, e morre de medo. Morrer de medo? Que pai é esse? Mais uma vez, Lacan ressalta o fracasso paterno contemporâneo, onde o pai expõe sua fragilidade e covardia perante o filho.

A terceira peça, *O pai humilhado*, gira em torno da personagem Pensée (pensamento em francês), que é neta de Sygne e filha de Louis de Coufontaine. Louis é agora embaixador da França na Itália. Também volta à cena o papa, agora Pio IX. A mãe ensina à filha o trajeto dos jardins do palácio, por onde percorre acompanhada do pretendente. Pensée está apaixonada por Orion, mas quem está apaixonado por ela é Orso, irmão de Orion. O papa Pio IX conversa com os dois irmãos, Orso e Orion, que são seus sobrinhos. Fala com eles da perseguição que vem sofrendo em face de uma ofensiva napoleônica. E os rapazes pedem conselho sobre quem deve desposar Pensée: aquele por quem ela está apaixonada, ou aquele que por ela despertou a paixão. Orion diz ao tio (o papa) que não pode casar-se com Pensée, explicando que aquilo que ela quer, que é a sua alma, ele não a possui para dar, pois sua alma já se acha comprometida com a causa religiosa. O papa aconselha Orion a viajar e deixar o caminho aberto para Orso. Nesse caso, Lacan vai dizer que o verdadeiro amor é aquele de Orion por Pensée, uma vez que amar é justo dar o que não tem. E traz mais uma vez a questão do pai, aqui na figura do papa, humilhado diante de perseguições políticas, além de que uma figura detentora do alto poder divino, e que agora se torna um mero conselheiro sentimental.

Quanto ao destino de Pensée, aquela que por sua condição de cega acha-se prejudicada da força da pulsão escópica, acaba lançando mão da sagacidade da histérica, procurando manter o desejo insatisfeito, na medida em que se apaixona por um homem impossível.

Referências bibliográficas

LACAN, J. O seminário, livro 8: *A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. O seminário, livro 10: *A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-pai* (1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Maurano, Denise. *Claudel e as implicações da derrisão do pai* -<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iv/artigos/>.